

Alcoolismo e controle dos trabalhadores no século XIX

Fernando Sergio Dumas dos Santos*

Resumo: O objetivo, aqui, é explorar as possibilidades interpretativas da articulação entre os conceitos propostos por E. P. Thompson e Michel Foucault, para analisarmos a experiência histórica do capitalismo, no sentido em que esta pressupunha indivíduos cujas energias estivessem completamente concentradas na esfera da produção, fosse no local de trabalho, fosse em casa ou no lazer. No contexto do século XIX, a medicina desempenhava um importante papel no sentido de preservar as forças dos corpos e das mentes dos trabalhadores para o mercado assalariado, que estava em formação e que exigia jornadas diárias extenuantes. Trabalho com as hipóteses de que, às classes dominantes, interessava disciplinar os hábitos dos trabalhadores e não criar uma sociedade onde um único padrão moral valesse para todos. Desponta, então, o difícil equilíbrio entre o uso e o abuso das bebidas alcoólicas.

Palavras-chave: capitalismo – medicina – classes trabalhadoras

Abstract: The aim of this paper is to explore the possibilities of interpretations to the articulation between E. P. Thompson's concepts and Michel Foucault's concepts, for the analysis of the historical experiences of the capitalism, in the sense that this one presupposed individuals that their energy was completely concentrated at the production sphere, or at the work place, or at home or at their leisure time. In the context of XIXth century, the medicine fulfilled an important function to preserve the bodies and minds strength of the workers to the wage-earning market, which was in process of consolidation, demanding them hard diary journeys. I am working with the hypothesis that the dominant classes had interesting to discipline the workers habits, and not to create a society where had worth a unique moral census. Come up, then, the difficult balance between the use and the abuse of alcoholic drinks.

Keywords: capitalism – medicine – worker classes

A sociedade de tipo urbano explicitava, basicamente, três valores que, conjugados, sintetizavam os “tempos modernos”: a disciplina imposta pelos novos processos de trabalho, a sensação de diluição da identidade individual dentro das massas urbanas e uma noção de tempo completamente desvinculada de um “tempo natural”. Ao contrário do tempo ditado pela natureza, sob o capitalismo ocorre o seu atrelamento ao ritmo do trabalho fabril mecanizado. Para Thompson,

“essa medição incorpora uma relação simples. Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu ‘próprio’ tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.” (Thompson, 1998: p. 272)

Acompanhando as transformações da cena urbana, por volta do último quarto do século XIX, a burguesia tinha bastante definida para si a noção de privacidade e uma clara vivência das relações entre esta e os espaços públicos. Certamente, portanto, estas concepções foram transportadas para o questionamento dos alcoólicos, gerando as figuras do bêbado vagabundo, já referido neste texto, e do bêbado público, que, por um motivo ou outro, não conseguiu “privatizar sua prática etílica” (Corbain, 1991: 580). Desde fins do século XVIII, na Europa, a família emergira como elemento fundamental para viabilizar a ordem burguesa. A família era vista como o lugar, por excelência, de realização e formação da sua utopia de construir um “homem normal”. Era, portanto, o lugar do controle, da vigilância e da temperança dos instintos e das paixões. A célula-mater desta sociedade. Foi a partir deste lugar histórico que as sociedades ocidentais passaram a desenvolver seus indivíduos, educando-os a partir das suas relações com as figuras “familiares” (o pai, a mãe, a avó e o avô, os irmãos) e com as representações destas que lhes seguiriam por toda a vida. Os valores trazidos “do berço” eram como jóias insubstituíveis, apenas lapidadas pela educação escolar e pelas relações sociais.

O avanço do processo de urbanização e de industrialização dos países europeus induziu as classes dominantes à normalização de hábitos e atitudes, considerados nocivos aos padrões éticos que vinham sendo construídos. Introduziu-se, então, uma noção nova que dizia respeito ao corpo, à condição física e biológica dos indivíduos, bem como à moralidade dos seus comportamentos: a medicina social. Em sua análise acerca deste tema, Foucault busca as modificações, as transgressões, a maneira como indivíduos ou grupos se conduziam nas suas relações com sistemas prescritivos. Ele considera que isso era dado, explícito ou implicitamente, nas respectivas culturas, e que as pessoas tinham uma consciência mais ou menos clara desse movimento

Por outro lado, o risco da desestruturação familiar era um pesadelo que deveria ser evitado sempre que possível. Ela aparecia como resultado de perversões e degenerações motivadas pela miséria e seus vícios, pelas doenças ou por antigos hábitos. A ação das bebidas alcoólicas como destruidora de lares e desagregadora da família foi largamente relevada por aqueles que combatiam seu uso. Na qualidade de chefe da família, o homem passava a ser o responsável pelo suprimento e pela estabilidade econômica do lar; à mulher cabia cuidar da consolidação emocional e administrativa da família. A educação, nesse caso, era uma tarefa feminina, dela fazendo parte as questões da moral. Mas os exemplos, principiando pelos de casa, passaram a ser considerados como peças fundamentais na

formação individual. E o pai, nessa esfera, era uma figura mais importante do que a mãe, já que a ele cabiam as decisões mais importantes da casa.

A idealização da mulher como utopia da pureza, da liberdade e da esperança impunha a ela o mesmo duplo movimento, de exteriorização e interiorização, operado pela noção de família. A entrada para o espaço público transformou a ação feminina, embora esta ainda permanecesse muito próxima do lar. Por outro lado, a mulher era apontada como uma das principais vítimas do alcoolismo. Desde os crimes passionais, perpetrados em estado de embriaguez, até a dissolução familiar, o repertório de atitudes ofensivas às mulheres ou ao papel que elas representavam naquela sociedade era vasto. O olhar medicalizado encontrava o alcoolismo bastante disseminado, atacando e destruindo sua célula principal, a família, e magoando irremediavelmente aquela criatura que era a responsável pela ordem e pela felicidade do lar. O homem perdia a condição moral de chefiar a casa, na medida em que não cumpria com as suas responsabilidades familiares, as quais incluíam não apenas a manutenção da casa, mas também a autoridade e o respeito. Bêbado, muitas vezes não era possível dar conta de nenhuma delas.

Para Foucault, podem-se identificar as estratégias utilizadas pelo poder dominante para fazer predominar um determinado conjunto de saberes e as relações que se estabelecem ao longo deste “jogo”. A expressão “poder dominante” busca traduzir a forma como as estratégias do saber-poder atuam, concretamente, no cotidiano das sociedades de classes, permitindo compreender a forma pela qual as classes dominantes, especialmente a burguesia, passou de um processo de construção de hegemonia intelectual para uma intervenção real e concreta no cotidiano das pessoas. Foucault freqüentemente utiliza a noção de “saber-poder”, indicando uma total correlação dessas instâncias. O “saber-poder” diz respeito à arte de governar, ou ainda a dispositivos como os da sexualidade e da governamentalidade. Assim, não nos bastaria identificar as estratégias e os dispositivos de que lançaram mão os médicos. Há uma outra nuance a ser desvendada e que diz respeito ao surgimento da nova tradição de uso das bebidas alcoólicas, vinculada ao universo de discursos e projetos de disciplinarização dos costumes, tão cara à sociedade burguesa.

A formação de um “novo tipo de trabalhador conforme a uma indústria fordizada exigia” (Gramsci, 1984: p. 372) pressupunha novos hábitos e novas representações dos sinais vitais do mundo. A moral protestante era o instrumento ideal para estas transformações, já que sua verve religiosa falava alto ao imaginário popular nos EUA e na Europa, e as práticas de vida adotadas pelos seguidores destes cultos adequavam-se sobremaneira às ansiedades das elites capitalistas. Quem era o público-alvo destas transformações, deste processo de

disciplinarização senão os miseráveis, os vagabundos, os biscateiros, sem emprego fixo e sem renda fixa, enfim uma ampla gama de setores populares. Devemos perguntar, ainda, onde estavam os alvos privilegiados das leis que procuravam reprimir os excessos alcoólicos. E a resposta é a mesma: a classe trabalhadora.

É interessante percebermos como veio se consolidando esta íntima relação entre a miséria, o ócio e as bebidas alcoólicas. Com a Revolução Industrial, quando se cristalizou uma noção de tempo urbana e controladora do ritmo do trabalho fabril, a ociosidade passou a ser entendida como uma negação do trabalho, portanto um rompimento das regras sociais. A miséria dizia respeito às condições de vida das classes trabalhadoras nas cidades e a indigência era um produto social do capitalismo que seria amparada pelas classes dominantes, fosse pelo Estado, pela Igreja, ou pelo patronato. As bebidas alcoólicas realçavam os elementos negativos da miséria, da indigência, da vagabundagem, e de outras figuras similares. Seu principal efeito sobre o homem, a liberação das paixões e dos traços de personalidade recessivos, ou que raramente aparecem, não coadunavam com a vida numa coletividade de dezenas ou centenas de milhares de pessoas. E, embora desde muito tempo, a segregação social fosse a principal punição para aqueles que não se normalizavam, não se integravam aos modelos de comportamento emergentes, a participação da medicina científica neste processo deu outros contornos tanto aos problemas (miséria, vagabundagem, alcoolismo), quanto à solução da internação. Além disso, noções como família, trabalho e prazer, para ficar apenas com três das mais fundamentais, ficaram profundamente modificadas.

Todavia, o processo de construção dos padrões de conduta da sociedade burguesa, não logrou, em nenhum momento, interromper a herança das tradições populares, mesmo com as interferências já apontadas. Inclusive, não seria possível exercer um controle tão rigoroso sobre os comportamentos: restava o combate aos maus hábitos. Assim, podemos concluir que o poder da sociedade burguesa sobre os indivíduos não se operava simplesmente pela consciência, mas começava no corpo, com o corpo, já que as sociedades burguesas investiram muito no biológico, no somático, na disciplinarização dos corpos. Mas não devemos esquecer que todo um conjunto de valores e de regras foi construído para guiar as ações dos indivíduos nestas sociedades. Este movimento atuou ao nível da consciência, interferindo o tempo todo, e diretamente, no cotidiano das pessoas e no seu jeito de ver o mundo. Na Europa, ao longo do século XIX, a constituição das disciplinas científicas concernentes à medicina ganhou abrangência. Então, tornou-se mais importante, no sentido de consolidar suas práticas,

técnicas e métodos, obter informações freqüentes, sistematizando-as de forma a permitir a sua constante revisão, do que a idéia de manter um saber médico totalizado e fechado em si.

No contexto burguês o conceito de intemperança passou a definir algumas ações morais dos homens nas novas relações. A discussão sobre o uso e o abuso no consumo das bebidas alcoólicas passou a ser uma das principais características desta nova tradição, já que buscava formalizar um uso balizado pela noção de temperança. Devemos levar em conta, ainda, que a temperança passou a ser, na sociedade burguesa, um atributo indissociável do uso permitido dos prazeres individuais. Os médicos, a partir da segunda metade do século XIX, reivindicavam para si o dever de dirigir o indivíduo pelas regras da moral. A argumentação baseava-se na acumulação de um saber científico acerca do cérebro humano, alcançado através de pesquisas e observações as quais teriam permitido o conhecimento de sua ação, das modificações que sofre e dos variados modificadores existentes.

Referências bibliográficas:

- BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores brasileiros da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CORBAIN, Alain. *Gritos e cochichos*. In: PERROT, Michelle (dir.) et alli. **História da Vida Privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento das prisões**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1984.
- HOBBSBAWN, Eric J. & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOBBSBAWN, Eric J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- HOBBSBAWN, Eric J. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBBSBAWN, Eric J. **Os Trabalhadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

- MACHADO, Roberto et alli. **Danação da norma**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MARGLIN, Stephen. **Crítica da divisão do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1987/1988 (Col. Os Pensadores).
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (3 vol.).
- THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- THOMPSON, Edward P. **Senhores e caçadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward P. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**. Barcelona: Ed. Crítica, 1989.